

Só actuando com sentido de justiça a Europa ainda poderá recuperar alguma nesga de liderança moral

“Trade, not aid”: comércio é a melhor forma de ajudar

É uma frase repleta de verdade, que precisa de ser praticada com decisão. Todos entendem que assim deva ser, mas à hora da verdade os proteccionismos locais impõem-se, esquecendo obrigações de justiça para com países que só produzem agricultura na sequência da exploração colonialista.

A agricultura é tida como a parente pobre das actividades económicas. Talvez porque as condições técnicas para uma boa rentabilidade fossem mais difíceis do que na indústria ou serviços. Por isso, na nascente União Europeia, ela foi e é altamente subsidiada através do PAC - Programa Agrícola Comum; noutros países, às economias de escala vieram juntar-se os subsídios, imitando os ricos.

O pior é que os excedentes de produção subsidiados foram inundar os países pobres, liquidando boa parte da sua venda. E deram-se casos ignominiosos como estes, a modo de exemplo:

- Uma cadeia de supermercados da África Oriental lançou um concurso para comprar 40 milhões de litros de leite; ganhou-o uma empresa holandesa, porque contava com um elevado subsídio... do PAC.

- Os EUA subsidiam com \$3000 milhões anuais os seus 25 mil produtores de algodão. Consequência imediata: excesso de algodão, nos mercados mundiais a preços subsidiados, faz cair o preço e os pequenos agricultores não vendem, e muitos desesperam e se suicidam. Há três

anos, o Brasil protestou energicamente porque os preços caíram com a oferta americana e o país vendeu menos e a piores preços. A OMC - Organização Mundial do Comércio deu toda a razão ao Brasil.

Estes procedimentos desencadearam situações lamentáveis:

- Défice de variados alimentos: porque agricultores pobres os abandonaram ante a competição injusta;

- Esbanjamento de dinheiro: que deveria ter aplicações melhores, quer num ensino de qualidade, na saúde, na investigação científica e tecnológica. Domínios em que a Europa perdeu o pé; e países como os EUA vivem do alheio: de cientistas, médicos e professores emigrados. É convicção de que 38 por cento dos médicos dos Estados Unidos são indianos de origem e formação!

E, assim, a pobreza nos países “em desenvolvimento” foi aumentando: só faziam agricultura, e pouco vendiam, quer pela distorção dos subsídios, quer pelas barreiras alfandegárias. Estas são em média quatro vezes mais elevadas do que as dos países pobres para onde exportam; na Ronda de Doha, a OMC preconizava que a Europa deveria reduzir aqueles direitos sobre produtos agrícolas de importação em 35 a 60 por cento!. Estes valores são indicativo de quão elevados continuam.

A Europa também esqueceu as suas obrigações morais ao substituir o açúcar de cana (importado das antigas colónias de trabalho escravo) pelo de beterraba produzido



Eugénio Viassa Monteiro

com descomunais subsídios; aumentou o desemprego nos tradicionais cultivadores de cana e deu a comer açúcar 40 por cento mais caro aos seus cidadãos.

A “Europa-fortaleza” e os países ricos não podem continuar na linha da sua arrogância, esquecendo o impacte das suas políticas, pouco éticas, nos outros países (ao exportar produtos subsidiados ou impor injustas barreiras alfandegárias proteccionistas), muito em especial nas antigas colónias que exploraram e abandonaram na miséria. Tal esquecimento levou parte do mundo à actual situação de crise, e a Europa a ir perdendo toda a sua importância, também face a países em forte afirmação como a Índia, a China, a Indonésia ou o Brasil. Quando falta um sério sentido ético, de valores, as sociedades desmoronam-se, como aconteceu com a Roma Antiga.

Só actuando com sentido de justiça, sem esquecer as obrigações morais contraídas, incentivando trocas comerciais de todos com todos, como pretende fazer a OMC, retirando os empecilhos que os ricos são diligentes a pôr aos pobres, a Europa ainda poderá recuperar alguma nesga de liderança moral. Mais, todos poderão beneficiar com isso e ultrapassar esta malfadada crise e, sem sombras de dúvida, a reduzir muito substancialmente a fome, a doença e a iliteracia, sobretudo em crianças, que continuam a grassar por grandes zonas do globo. *Professor da AESE e autor do livro O Despertar da Índia*